

EXPERIÊNCIAS CRUZADAS NO DIÁLOGO ENTRE TURISMO E HISTÓRIA: RELATOS DE AVENTURAS DENTRO E FORA DE SALA DE AULA

**Cross Experiences in the Dialogue between Tourism and History:
Reports of Adventures Inside and Outside the Classroom**

Valéria Lima Guimarães¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i1p241>

RESUMO

Este ensaio propõe, nesse momento de pandemia de Covid-19, um olhar introspectivo, a fim de refletir sobre a saudade do contato presencial com os alunos e acessar experiências marcantes que compõem a minha memória de professora universitária de Turismo e de História e dos entrelaçamentos que essas áreas possibilitam. Para isso, fiz uso com liberdade do método da pesquisa-ação e de entrevistas com estudantes que passaram pelas disciplinas que leciono, em busca de depoimentos de momentos inesquecíveis de nossos encontros. Como resultado desse exercício que põe em revista 15 anos de atividade de docência no Turismo, comemorados em plena pandemia, são elaboradas memórias que possibilitam uma autorreflexão e tomada de consciência sobre esse patrimônio pessoal e sobre o saber fazer em Turismo. O trabalho é concluído com uma proposta: a produção de escritas de si de professores e alunos dos cursos de Turismo como contribuição à formação de um patrimônio afetivo universitário e de uma memória do turismo brasileiro, por uma via pouco acessada: a memória biográfica.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Ensino de Turismo; História; Memória; Autobiografia.

ABSTRACT

This article proposes, at that time of the Covid-19 pandemic, an introspective look, in order to reflect on the longing for face-to-face contact with students and to access remarkable experiences that make up my memory as a university professor of Tourism and History and the intertwines that these areas make possible. For that, I freely used the action research method and interviews with students who passed through the disciplines that I teach, in search of testimonies of important moments of our meetings. As a result of this exercise that highlights 15 years of teaching activity in Tourism, celebrated in the middle of the pandemic, memories are elaborated that allow a self-reflection and awareness of this personal patrimony and the know-how in Tourism. The work concludes with a proposal: the production of self-writings by teachers and students of Tourism courses as a contribution to the formation of an affective

¹ **Valéria Lima Guimarães** – Doutora. Docente na Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5344912790840208>. E-mail: valeriaguimaraes@id.uff.br

university heritage and a memory of Brazilian tourism, through a little accessed way: the biographical memory.

KEYWORDS

Tourism Teaching; History; Memory; Autobiography.

INTRODUÇÃO

Há 15 primaveras leciono no Curso de Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Rio de Janeiro, e há 12 no Curso de Licenciatura em Turismo do Consórcio CEDERJ/Fundação CECIERJ, do qual o curso de Turismo da UFF é integrante, oferecido na modalidade semipresencial. Em ambos os cursos leciono disciplinas que relacionam História, Turismo e Patrimônio Cultural.

Como historiadora e pesquisadora preocupada com a preservação da memória das pessoas e das coisas, sempre cultivei o hábito de comemorar a cada ano a minha entrada na universidade pública, desde então como professora. Uma década e meia trabalhando numa instituição que prima pelo ensino e valorização do conhecimento científico em Turismo merecia ser festejada de um modo mais especial. No entanto, neste ano foi diferente. Sequer me dei conta dos 15 anos e a data passou em branco. A suspensão do cotidiano e todo o pavor acerca do quadro social, político e econômico estabelecido pelo surgimento e disseminação da Covid-19 no mundo e seu drama particular no Brasil, vivido por todos nós, desviaram a minha atenção, me fizeram esquecer de tudo o que não fosse a tragédia e a grande perda de vidas humanas. Não houve comemoração nem sequer a lembrança no dia específico, 18 de abril, quando a decretação da pandemia pela Organização Mundial de saúde completava 1 mês e o país contava seus mortos e infectados num crescimento em escala alarmante.

Este ensaio autobiográfico é, pois, um acerto de contas com a minha memória pessoal, redimindo-me da falta de lembrança em face ao extraordinário, ao novo momento vivido. A ideia de escrever sobre as minhas experiências como professora na Universidade Federal Fluminense ao longo de 15 anos de trabalho parte, portanto, da memória da adversidade, do trauma do momento vivido, da saudade da sala de aula e das experimentações fora dela. É uma forma de suplantar a dor, colocando no lugar lembranças estrategicamente pinçadas da memória. Teriam que ser, necessariamente, memórias afetivas e, por seleção, positivas,

contrastando com a tensa realidade do momento, relacionada ao avanço da Covid-19, ao confinamento familiar e à contenção do trabalho e da casa no mesmo espaço-tempo.

O título deste ensaio “Experiências cruzadas no diálogo entre Turismo e História, relatos de aventuras dentro e fora de sala de aula” resulta desse desejo de rememorar intencionalmente momentos positivamente significativos, mas tem também um outro propósito: fazer um convite ao leitor e à leitora deste material, seja professor, pesquisador ou estudante, a rememorar também os seus momentos agradáveis relacionados ao ensino-aprendizagem em Turismo dentro e fora de sala de aula, num exercício de escrita de si.

A pesquisa-ação foi o método de investigação acessado para este trabalho, seguindo a premissa elaborada por Michel Thiollent (2003) para quem a pesquisa-ação é “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (p. 14). Esse método permite uma reflexão sobre as próprias práticas, possibilitando melhorar o ambiente de trabalho dos participantes envolvidos (Picheth, Cassandre & Thioollent, 2016). Adaptando o método a este estudo, parto de uma ação individual de autorreflexão, entremeada com a participação de alguns alunos que se puseram a revirar suas memórias e colaborar com esta pesquisa, fornecendo as suas impressões das experiências que tivemos dentro e fora da sala de aula.

Concebo essas experiências marcantes como parte das nossas memórias afetivas-individual e de grupo – e do patrimônio afetivo universitário, noção inspirada no campo de estudos do patrimônio, sobretudo no que se refere ao patrimônio escolar, ampliando a noção de patrimônio cultural. Este patrimônio escolar, por sua vez envolve não só a edificação, mas também as lembranças e afetos, compreendendo a ideia de um patrimônio afetivo escolar (Bezerra & Souza, 2008). Essas memórias pessoais foram tratadas, portanto, como integrantes de um patrimônio afetivo universitário, entendo que as histórias que serão aqui pinçadas também compõem um patrimônio afetivo dos alunos.

OS PRIMEIROS TEMPOS

Para chegar à UFF, em abril de 2006, fui aprovada num concurso público com duas vagas para professores efetivos. Já se contavam 8 anos atuando profissionalmente como professora de

História, na educação pública de nível básico, e 5 anos como professora universitária dos cursos de História, de Geografia e de Turismo em universidades privadas. Até então o jovem Curso de Turismo da UFF, criado em 2003, operava com professores com contratos temporários e poucos professores efetivos, lotados nos departamentos de Administração e Ciências Contábeis. Aos poucos, o curso foi crescendo, ganhando personalidade, constituindo um departamento próprio com professores efetivos concursados. Nos seus primeiros 11 anos, o curso funcionou num prédio do campus do Valonguinho, localizado no centro de Niterói, bem em frente ao terminal de Barcas Araribóia, bastante acessível para a travessia por via marítima ao Rio de Janeiro e também por via rodoviária, com boa oferta de ônibus que faziam a travessia da Baía pela Ponte Rio Niterói.

A localização estratégica do campus universitário permitia, então, o acesso fácil tanto ao Centro Histórico da cidade de Niterói, a pé, quanto ao Centro Histórico do Rio de Janeiro, de ônibus ou de barca. Com experiência anterior de guia de turismo profissional, incorporei às disciplinas lecionadas na UFF as práticas de guiamento nas visitas técnicas do curso de graduação em Turismo ao Centro Histórico do Rio de Janeiro e de Niterói. Desde os primeiros semestres lecionados na UFF essas visitas são realizadas com regularidade, exceto, é claro, no período de pandemia Covid-19, em que não foram oferecidas aulas presenciais.

ATIVANDO AS MEMÓRIAS AFETIVAS

Para trazer à tona as experiências passadas, foi necessário um exercício de ativação da memória. A memória, como escreveu Michel Pollak (1989), é um processo ativo de seleção, constituído de lembranças e esquecimentos e mediado pelas experiências atuais. De Maurice Halbwachs (1990), outro importante autor do campo da memória, que escreve a sua teoria a partir da interseção entre a psicologia social e a sociologia, foi acessada a noção de que a memória é composta por quadros sociais, formados no relacionamento do indivíduo com a coletividade. Nesse sentido, a memória é construída socialmente, a partir da relação do sujeito com os grupos de referência, retomando pensamentos e experiências comuns ao grupo capazes de ativar a memória.

Foi seguindo os rastros, os fragmentos e os suportes materiais que pudessem ativar as lembranças que fui reconstruindo os fios que ligam às experiências passadas, conectadas à experiência junto aos alunos ao longo dos anos. Recorrer a álbuns fotográficos e às fotografias

digitais publicadas nas redes sociais produzidas na relação com os alunos, como por exemplo grupos da rede social Facebook ou do Google Classroom, criados semestralmente para cada disciplina, foi um exercício útil para reavivar algumas lembranças. Outras se sucederam no caminho inverso: vieram à mente e a partir dela recorri às imagens e outros suportes, como textos, arquivados nas redes sociais criadas especificamente para a interação professora-alunos na disciplina ou nos meus arquivos pessoais (virtual e físico).

Uma outra estratégia utilizada para selecionar esses momentos marcantes aqui descritos foi acessar os próprios alunos que passaram pelas disciplinas por mim ministradas. Por meio do grupo criado na rede social Facebook, 'Turismo UFF', de uso exclusivo de professores, alunos e funcionários do curso, que hoje conta com mais de 1200 inscritos, foi lançado o seguinte pedido:

Olá, queridos! Hoje sou eu a pedir ajuda para um trabalho acadêmico de minha autoria. O tema são as memórias de meus 15 anos de magistério no Turismo UFF e, nesses tempos de Covid-19, gostaria de contar histórias legais. Se você que cursou as disciplinas Turismo e História e Turismo e Patrimônio Cultural tem alguma boa história/lembrança dentro ou fora de sala de aula legal para contar, faça um relato in box para mim. Fará parte do trabalho, podendo ser identificado ou anônimo o relato, como você preferir.

O que eu não imaginava nesse exercício é que a ativação dessa memória nos alunos, que também envolve suas histórias, pudesse levá-los a outras conexões e exercícios de rememorar a sua vida em contextos fora da relação com a disciplina e a universidade. Esse foi o caso de uma aluna que cursou a disciplina de Turismo e História no ano de 2016 e que respondeu ao meu apelo no grupo do curso de Turismo da UFF, na rede social Facebook. A estudante assim escreveu:

Oi professora! Tudo bem? Na disciplina de Turismo e História, no 1º período, eu tinha chegado recentemente de Belém, deixando vários amigos, família e lembranças lá. Quando cheguei, fiz a avaliação dessa disciplina na qual a primeira questão se tratava de um *walking tour*, dando ênfase aos aspectos históricos do local. Eu fiz um *walking tour* do Centro de Belém e lembro que até criei um site para a minha empresa fictícia. Foi muito divertido fazer e foi um quentinho no coração relembrar os momentos que vivi em Belém.

De fato, eu não tinha como dimensionar que tais experiências que me foram marcantes produziram marcas significativas e muito pessoais nos alunos também, que remontam à saudade da família e à cidade natal, por exemplo.

O exercício do magistério constitui um trabalho árduo, que requer habilidade no trato com o outro, o aluno, com suas particularidades e enquanto sujeito coletivo, a turma. Inegavelmente se estabelecem nesse encontro professor-alunos relações de poder cujo ponto nodal é a

construção de conteúdos que obedecem a um projeto pedagógico e a um currículo e que por sua vez está condicionada à aprendizagem, verificada por meio de avaliações, tendo como resultado esperado a aprovação na disciplina. Mas, apesar dessas relações de força inerentes ao ensino e ao currículo (Silva & Moreira, 1995), é possível estabelecer um diálogo amistoso com a turma e buscar que construam a aprendizagem de forma prazerosa.

Evidentemente, as aulas não são formadas unicamente de momentos bons e experiências positivas. Há espaço para o erro, para a aprendizagem com o erro, a experimentação, a proximidade maior ou menor da e com a turma, o imprevisível e as variáveis que estão fora do controle da professora e dos alunos, como o grupo presenciar um assalto e perseguição durante uma das visitas técnicas ao Centro do Rio, por exemplo.

Outro estudante que colaborou com a pesquisa declarou que uma aula de Turismo e História no primeiro período do curso o estimulou a pesquisar mais sobre o rodoviarismo e o turismo, e que o livro que, ao ver seu entusiasmo, lhe emprestei na ocasião, *A Vida Cultural do Automóvel: percursos da modernidade cinética* (Giucci, 2004), inspirou o seu trabalho de conclusão de curso, baseado justamente no tema do rodoviarismo.

Por essas e outras é que o magistério vale a pena. É muito gratificante poder ouvir de um aluno, anos depois, que o que lhe foi ensinado tempos atrás de alguma forma o tocou, o motivou a alçar novos voos e descobertas.

LEMBRANÇAS DE SALA DE AULA E DAS ANDANÇAS COM OS ALUNOS

Passo a relatar aqui momentos muito marcantes de alguns dos trabalhos, experiências e visitas técnicas realizados ao longo dos muitos semestres letivos já lecionados. São experiências que extrapolam os muros da universidade e se caracterizam como lugares não formais de aprendizagem, complementando o cotidiano da sala de aula.

A primeira delas é a própria caminhada no entorno da Universidade, feita em todos os semestres, com os alunos ingressantes e alguns alunos que, por alguma razão, não cursaram a disciplina Turismo e História no primeiro semestre do curso. Nesse trabalho, é feito o reconhecimento do entorno da sede do campus universitário, começando pela Praça Leoni Ramos, que fica em frente à entrada do *campus* do Gragoatá, onde se localiza o curso de Turismo. A praça é muito frequentada pelos universitários e bem ao centro está instalado há um

século um busto de Dom Pedro II, que apesar da sua localização central, é pouco percebido pelos estudantes.

Ali é contada parte da história de Niterói, desde a fundação da cidade e sua relação com as cortes joanina e imperial, desconhecida da maior parte dos alunos, além de sua condição de capital do estado do Rio de Janeiro em diversos momentos. Ali é possível avistar trilhos de bondes aparentes no calçamento, remanescentes do início do século XX. Também são contadas histórias sobre as lendas que cercam o busto do Imperador na praça e que povoam o imaginário popular até hoje. O busto de D. Pedro II, de autoria de Ugo Taddei, feito em bronze e assentado sobre uma esfera giratória, se moveria à noite e, para onde o Imperador estivesse virado, seria sinal de má sorte para os moradores dos sobrados em volta da praça (Segala & Calvão, 2003). Numa das vezes em que visitamos a praça, fui surpreendida por duas estudantes veteranas do Curso de Cinema que se integraram à visita e contaram que há também uma lenda que circula na Universidade que diz que quem tocar no busto do Imperador terá um CR [Coeficiente de Rendimento] muito baixo. Achei aquela história sensacional. Ela integra, perfeitamente, um ainda pouco perceptível patrimônio universitário.

Ao lado da entrada do campus universitário e ainda localizada à Praça Leoni Ramos, é feita a interpretação do patrimônio da Cantareira, antigo estaleiro e estação das barcas, cujo portal é tombado pela municipalidade de Niterói e palco de um movimento histórico que ficou conhecido como Revolta das Barcas, ocorrido em 22 de maio de 1959, onde o povo ateou fogo na estação, protestando contra as condições do serviço de transportes por barcas.

Da Praça Leoni Ramos o grupo segue caminhando para a Igreja Matriz de São Domingos de Gusmão, ao lado da praça e bem próxima à Universidade. É uma igreja construída no século XVIII, que é derivada de uma antiga capela de 1652, cuja história se entrelaça com a história de Niterói e do Brasil. Ali foi realizado um Te Deum [culto com canto em ação de graças] pela visita do Rei Dom João VI à Vila da Praia Grande [antigo nome de Niterói] e onde foi realizado o velório de José Bonifácio, que a historiografia tradicional nomeou como 'Patriarca da Independência do Brasil', falecido em Niterói, em 1838. A igreja, muito frequentada pela Família Real, localiza-se bem próximo a um palacete [demolido] onde D. João VI se hospedava quando ia a Niterói. Uma particularidade que me chamou muita atenção é que a Igreja fora do horário das missas mantém a sua porta principal fechada, dando a impressão aos alunos de que não está em funcionamento. Ao adentrar pela porta lateral e fazermos a interpretação do patrimônio, ressaltando as

características do estilo arquitetônico, artístico e da história da igreja, muitos alunos se surpreendem, não fazendo ideia da riqueza do patrimônio existente bem ali, a poucos metros da sua universidade.

Continuando a caminhada, seguimos até o Grupo de Regatas do Gragoatá e à Praia do Gragoatá, também bem próximas ao campus universitário. Convém lembrar que o *campus* do Gragoatá encontra-se em área de aterro na Baía de Guanabara e seu terreno é vizinho ao Grupo de Regatas, um dos primeiros clubes de remo do Brasil, fundado em 1895, e o primeiro a ganhar uma competição de remo nacional. A embarcação utilizada na competição foi a Baleeira Alpha, que hoje constitui o patrimônio náutico brasileiro e é tombada pelo poder municipal, estando em exposição no clube juntamente com os históricos troféus. Os alunos mais uma vez mostram-se surpresos com as descobertas de um rico patrimônio histórico-cultural ao seu redor, que apresenta grande potencial turístico e não é percebido por muitos durante todo o curso de graduação em Turismo.

A atividade termina na Praia do Gragoatá, onde se encontra o Forte Gragoatá, cujos primórdios remontam ao século XVII, sendo considerado um dos fortes mais antigos do Brasil. O Forte é tombado pelo IPHAN. Na Praia do Gragoatá apreciamos a linda vista da Baía de Guanabara e da cidade do Rio de Janeiro, do outro lado da Baía e fazemos vários registros fotográficos.

Com um currículo dinâmico e tendo que cursar disciplinas em diversos *campi* da UFF, os alunos fazem obrigatoriamente ao longo de seu curso de graduação esse percurso feito na caminhada de reconhecimento do entorno, seja a pé, seja no BusUFF, o ônibus gratuito e exclusivo à comunidade acadêmica da UFF que circula pela cidade interligando os *campi* da Universidade. Com essa caminhada da disciplina Turismo e História logo nas primeiras semanas de vida universitária, os alunos do curso de Turismo são desafiados a fazerem a leitura interpretativa do espaço por onde circularão durante toda a sua vida acadêmica, seja a pé, seja no BusUFF.

O PRAZER DAS DESCOBERTAS NOS SEMINÁRIOS ACADÊMICOS

Tradicionalmente, utilizo o formato de seminários como parte das avaliações tanto da disciplina Turismo e História quanto da disciplina Turismo e Patrimônio Cultural.

Em Turismo e História, ministrada para os alunos ingressantes, é solicitado que estes visitem um local de importância histórico-cultural, de livre escolha, contanto que seja um atrativo turístico ou que tenha potencial para tal, munidos de uma ficha técnica, criada pela professora junto com

os alunos, semelhante a um inventário da oferta turística, mas com algumas adaptações. É pedido aos alunos que avaliem tecnicamente o bem escolhido, realçando sua importância histórica e turística e se posicionando criticamente sobre a experiência da pesquisa.

Na disciplina Turismo e Patrimônio Cultural, é esperado que os alunos apresentem seminários sobre algum bem cultural de livre escolha, considerado patrimônio, seja ele de natureza material, imaterial ou mista, reconhecido oficialmente ou não, destacando a sua importância turística e também posicionando-se criticamente em relação à [falta de] aproximação entre o turismo e o patrimônio cultural estudado.

Os seminários são em sua maioria recheados de criatividade, com direito à degustação de comidas, doces e bebidas, que compõem o patrimônio alimentar do Brasil. Gosto muito quando são contadas histórias interessantes das experiências dos alunos visitando atrativos históricos que a maioria ainda não havia visitado e seus relatos de visita 'com outros olhos', por parte dos alunos que já conheciam os atrativos escolhidos. Destaco aqui algumas das boas histórias que fazem valer a pena acordar bem cedo e percorrer 45 km para chegar à universidade, recompensando todo o trabalho desenvolvido.

Afetos com sabor de refrigerante - Tendo que realizar um seminário sob o tema patrimônio industrial e turismo, para a disciplina Turismo e Patrimônio, um grupo de alunos abraçou a sugestão de desenvolver um seminário sobre o potencial turístico da fábrica de refrigerantes Mineirinho, localizada na cidade de São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro e cidade vizinha à sede do curso de Turismo da UFF, situado em Niterói.

Embora a referida empresa de refrigerantes não tenha desenvolvido atividades de visitação ao seu parque industrial, os alunos analisaram o seu grande potencial e hipoteticamente desenvolveram um estudo baseado no desenvolvimento da atividade turística na fábrica. Por se tratar de um refrigerante que é produzido desde a década de 1940, foram consideradas as lembranças dos consumidores e evocadas memórias afetivas das pessoas entrevistadas para o trabalho acadêmico. Estas apontaram que o refrigerante Mineirinho marcou suas vidas de uma forma especial.

Houve relatos de pessoas que viviam em localidades onde não havia muita oferta de lazer e sair para ir à praça e tomar um Mineirinho era a atividade mais importante aos finais de semana nas décadas de 1970 e 1980; também foram relatados encontros de namorados na praça para tomar

o refrigerante; lembranças do refrigerante presente nas comemorações de aniversário infantis; relatos de que o refrigerante é considerado medicinal na cultura popular, por conter uma erva chamada chapéu de couro, que supostamente seria 'boa para a saúde' e até relatos de utilização do refrigerante como souvenir turístico, uma vez que o mesmo não é vendido no estado de origem do entrevistado, no Norte do País. Enfim, foi um trabalho que trouxe histórias muito bonitas, revelando as memórias afetivas relacionadas à marca de refrigerantes que, sem dúvida, se constituem num patrimônio imaterial que deveria ser melhor valorizado.

A tia produtora de queijo de Minas e do melhor frango da região - Era para ser um seminário sobre o modo de fazer o queijo de minas, patrimônio imaterial do Brasil. Esperava, de antemão, que houvesse explicações técnicas, conexões com o turismo, slides e prova do queijo. Algo convencional. Mas os alunos surpreenderam trazendo uma produtora de queijo, vinda diretamente de Minas Gerais e tia de uma aluna membro do grupo. Ela viajou de Minas Gerais até Niterói para contar pessoalmente toda a sua história, descobrindo na produção artesanal do queijo a forma de sustento dos filhos. Foi uma história emocionante, que terminou com a degustação do queijo fabricado por ela, de modo artesanal, e marcou todos os presentes. Ela contou também que passou a diversificar a produção e comercializar frango assado, muito bem aceito na região onde vive. Contou-nos segredos do preparo de um bom tempero para o seu frango e, até hoje, quando vou preparar qualquer prato à base de frango, recordo-me de suas dicas sobre como torná-lo mais saboroso.

Anos depois, já em 2020, em plena pandemia Covid-19 e com ensino remoto, fui convidada a estar na banca de trabalho de conclusão de curso da mesma aluna que nos presenteou com a presença de sua tia em sala de aula, contando seu saber-fazer. Relembrei a história, disse o quanto aquele dia havia me marcado, que até hoje ouço a voz de sua tia quando preparo frango e ela também relatou a sua alegria de reviver aquele momento. Nos emocionamos. Fiquei realmente muito feliz com esse trabalho sobre os modos de fazer o queijo de Minas como patrimônio cultural imaterial brasileiro e a presença de uma produtora do queijo mineiro contando suas histórias em nossa universidade.

Destaques do carro alegórico de escola de samba - Outro momento inesquecível foi a visita à Cidade do Samba Joãosinho Trinta, na zona portuária do Rio de Janeiro. Fizemos a visita técnica ao parque em 2007, num momento próximo ao carnaval. A Cidade do Samba proporcionou-nos

uma visita muito acolhedora. Na ocasião foi possível percorrer os barracões das escolas de samba e ver em tempo real a produção das alegorias e adereços para o desfile das escolas de samba do Grupo Especial. Para além dos aspectos técnicos que observamos e debatemos posteriormente em sala de aula, a visita nos proporcionou imaginar o momento em que as escolas brilham no Sambódromo do Rio de Janeiro, num grande espetáculo de interesse global, com a presença de muitos turistas nacionais e estrangeiros.

Esse exercício de imaginação foi ainda mais aguçado ao adentrarmos um barracão destacado para receber os visitantes e fazer uma imersão na experiência de produção carnavalesca. Um mestre de cerimônias, caracterizado elegantemente como passista, acolheu-nos de forma muito simpática. Os visitantes poderiam ver simulações de como era produzida uma alegoria a partir do trabalho do escultor e do carpinteiro e ver em tempo real o trabalho das costureiras e bordadeiras. Passistas profissionais traziam umas araras com fantasias para os visitantes se vestirem com os figurinos e aprenderem um pouco da ginga e da dança do samba. Foi uma experiência mágica poder desfrutar daqueles momentos dos bastidores da produção carnavalesca.

Também era possível fotografar em cima dos carros alegóricos pertencentes a desfiles anteriores e que se encontravam em exposição no parque. Assim, não hesitamos e eternizamos na fotografia e na memória a imagem da professora e seus alunos sob um carro alegórico que fez parte do “maior espetáculo da Terra”, como é considerado pelos cariocas, e que atrai turistas do mundo inteiro.

Turismo UFF nos Jogos Pan e Parapan-Americanos Rio 2007 - Outra das experiências mais marcantes ao longo desses 15 anos atuando no magistério em Turismo na Universidade Federal Fluminense foi o trabalho voluntário, junto com alunos do curso, nos Jogos Pan-americanos e Parapan-americanos Rio-2007.

Abrindo o álbum de fotografias da época (sempre que possível, tentando não importunar os atletas, registrava em fotos aquele momento especial), recordo-me dos dias intensamente vividos nos jogos Pan e Parapan-americanos Rio 2007. Circulei entre a Vila Pan-Americana, localizada no bairro da Barra da Tijuca, os equipamentos esportivos, para onde me dirigia com os atletas de diversas delegações que representavam os países do continente americano nas competições, e as cerimônias de abertura e de encerramento.

Nesse movimento, encontrava com frequência diversos alunos igualmente voluntários e sempre que possível, fazíamos nossas refeições juntos e sacávamos mais fotografias. Uma das alunas à época, Márcia Ester Mizhari, escreveu a meu pedido, para este trabalho, o seguinte depoimento sobre a experiência de atuar nos Jogos Rio 2007:

Foi minha primeira experiência em evento esportivo na vida. Marcou minha saída da UFF, porque eu estava começando o evento e defendendo TCC [Trabalho de Conclusão de Curso]. Gostei tanto que trabalhei em eventos esportivos até 2016. Aprendi a botar em prática MUITA coisa que aprendi na UFF, a ter empatia, resolver problemas, perder o medo de falar línguas. Fiz também muitos amigos, que tenho contato até hoje (M.E. Mizhari, comunicação pessoal, 26 de fevereiro de 2021).

De fato foi uma experiência de grande aprendizado e rememorá-la aqui é celebrar o prazer de aprender na prática e refletir sobre os conhecimentos teóricos a respeito do planejamento e realização de eventos, dos seus impactos para a cidade anfitriã, questões referentes à hospitalidade, à economia, à imagem turística do destino, ao respeito às diferenças, enfim, vivenciando os Jogos RIO 2007 foi possível aprender bastante, observando a estrutura de um grande evento esportivo por dentro, este que foi o primeiro dos megaeventos que a cidade do Rio sediou ao longo de uma década, seguido pelos Jogos Mundiais Militares (2011), pela Copa das Confederações (2013), pela Copa do Mundo de Futebol (2014) e pelas Olimpíadas Rio 2016.

A experiência nos Jogos Rio 2007 foi realmente muito marcante e possibilitou, como disse a turismóloga Márcia Mizhari, o pôr em prática os conhecimentos teóricos obtidos em sala de aula, como também, na mão inversa, tornou-se material para muitas discussões nas aulas, sobretudo no que diz respeito aos Jogos Parapan-americanos. Naquele momento, os debates sobre acessibilidade no turismo e sobre cidades inclusivas estavam começando a ganhar espaço no meio acadêmico e o Para-pan foi um rico laboratório. Conviver com atletas lidando com as limitações da deficiência física e apresentando alto nível de rendimento, com forte espírito competitivo, em instalações adaptadas, foi de fato uma experiência muito rica, de grande aprendizado.

Dos Jogos Mundiais Militares (2011), Copa do Mundo FIFA de Futebol (2014) e Olimpíadas de Verão Rio 2016 participei como espectadora, fosse nas arenas e espaços públicos de realização dos eventos, fosse acompanhando pela televisão e redes sociais, além de circular pela cidade e esbarrar com os visitantes que vieram para esses eventos específicos. Alunos, ex-alunos, como a própria Márcia Mizhari, e outros colegas professores estiveram presentes trabalhando nesses megaeventos. De minha parte, já tinha tido a experiência como voluntária e aprendiz em 2007 e era hora de cuidar de outros projetos. Entre o Pan de 2007 e as Olimpíadas de 2016 fui mãe

duas vezes e produzi uma tese de doutorado. Ficava difícil me voluntariar para mais qualquer outra atividade. As histórias que os alunos voluntários dos eventos de 2013, 2014 e 2016 contavam em sala de aula me fizeram reviver as emoções de 2007 e foram comparadas e mais uma vez transformadas em conteúdo de sala de aula.

Pegadas no Centro Histórico do Rio de Janeiro - As caminhadas pelo Centro Histórico do Rio de Janeiro são um outro ponto de destaque. Todos os semestres são realizados com os estudantes do primeiro período. O perímetro que compreende a Praça XV de Novembro e a Igreja da Candelária costuma ser priorizado nas caminhadas, devido à concentração de atrativos turísticos de interesse histórico-cultural. É um espaço bastante movimentado da cidade e a Praça XV é rota obrigatória para quem pretende chegar à cidade de Niterói por meio das barcas, sendo, portanto, familiar a muitos estudantes de Turismo da UFF que residem na cidade do Rio de Janeiro ou na Baixada Fluminense.

Gosto de observar as reações dos estudantes naquele sítio ao mesmo tempo tão familiar e tão distante dos alunos. Em muitos casos, relatam que passavam sempre com muita frequência (e pressa) pelo sítio histórico da Praça XV de Novembro, mas não conseguiam perceber a sua relevância histórica e turística. O local concentra o Paço Imperial, construção do século XVIII, tombada em 1938 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que teve diversas funções, entre elas a de sede administrativa dos governos no período de D. João VI e do Império, e hoje funciona como um centro cultural. A Praça XV abriga ainda o Chafariz do Mestre Valentim, construído em 1789 e também tombado pelo IPHAN em 1938. Este possuía a função de suprir o abastecimento de água dos navios que ali aportavam e o abastecimento da cidade. Também vale destacar, entre outras construções de grande importância histórica, cultural e turística, a Igreja do Carmo [antiga Sé], construída no século XVIII, mais tarde designada por D. João VI como Capela Real, tendo sido também sede da Arquidiocese do Rio de Janeiro até 1976.

Durante as caminhadas nesse percurso do sítio histórico da Praça XV, são os alunos que apresentam os atrativos ao grupo, preparando previamente uma apresentação sobre o bem escolhido. Não raro os alunos encontram turistas visitando o lugar e os menos tímidos acabam interagindo com eles e relatando a sua emoção de terem tido contato com pessoas de outros estados e países em visita à cidade. Para muitos estudantes, ainda muito jovens, este é a primeira oportunidade de encontro com os turistas.

A atividade é extensa, pois são muitos os atrativos concentrados no trecho escolhido, extrapolando o tempo de aula da disciplina, com muita caminhada e aprendizado e pouco tempo para descanso. Ainda assim, os alunos acompanham todo o percurso e não raro, além dos turistas, ganham a companhia de transeuntes e de moradores de rua, que se juntam ao grupo para escutar as histórias que são contadas em cada atrativo.

O espaço visitado fica bem próximo ao Boulevard Olímpico, área revitalizada da cidade, na zona portuária, que por sua vez abriga a Orla Conde, o Porto do Rio, com gigantescos transatlânticos atracados durante a temporada de cruzeiros, o Museu de Arte do Rio, o Museu do Amanhã, o AquaRio [Aquário do Rio de Janeiro], a Roda Gigante RioStar e ricos murais a céu aberto, pintados pelo famoso artista Kobra. A visita a esses novos equipamentos culturais numa área revitalizada da cidade é oferecida como um prêmio extra durante a visita técnica para os alunos que, resistentes ao cansaço e ainda dispostos a explorar mais a cidade, permaneçam até o final, já ao anoitecer.

Uma outra opção de roteiro histórico-cultural realizado com os alunos é o embarque, na Praça XV, no Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), espécie de bonde elétrico inaugurado no conjunto das obras de revitalização do Porto do Rio de Janeiro e no contexto dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Circulando em diferentes ramais e passando por algumas das principais e mais antigas ruas do Centro do Rio de Janeiro, o passeio no VLT permite a apreciação do rico patrimônio histórico-cultural da área central da cidade. Destacam-se na paisagem o rico casario, que remonta aos séculos XVIII, XIX e XX, os monumentos, prédios públicos, além é claro, do intenso movimento das pessoas nas ruas. Vera Borges e Paulo Cavalcante (2017) escreveram um interessante artigo que utilizamos como base para essa experiência de visita. Os autores discorrem sobre o uso do VLT para o turismo e suas relações com a história no Centro do Rio de Janeiro, destacando o cruzamento entre tradição, modernidade e tecnologia, estas últimas representadas pelo VLT, considerado um transporte sustentável movido a eletricidade.

Nas experiências de visita ao Centro do Rio utilizando VLT, os alunos interagem com os passageiros interessados nas explicações sobre a história dos lugares por onde o transporte vai passando. É uma grande satisfação ver o brilho nos olhos dos estudantes com suas experiências de visita e interpretação do patrimônio do Centro do Rio. Este é um dos meus lugares favoritos para a realização de visitas técnicas, pela dinâmica da vida ao ar livre na parte mais movimentada e antiga da cidade, e pela perplexidade dos alunos ao descobrirem o potencial turístico de uma

cidade conhecida pelos seus clichês, mas muito pouco percebida pela sua importância histórica e cultural.

Nos bastidores da Biblioteca Nacional - Outro momento que eu recorro com muita felicidade, é de uma visita em setembro de 2016 com os alunos do Programa de Pós-Graduação em Turismo [PPGTUR UFF], à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a maior biblioteca da América Latina e uma das 10 maiores bibliotecas nacionais do mundo, segundo a Unesco (Biblioteca Nacional, s/d). O edifício foi construído em 1910 em estilo eclético, que mistura elementos neoclássicos e art nouveau, projetado pelo engenheiro e general Francisco Marcelino de Sousa Aguiar. Localiza-se na atual Avenida Rio Branco, antiga Avenida Central, e foi uma das vitrines das reformas urbanísticas do Rio de Janeiro no início do século XX, que procuraram projetar a cidade e o país na modernidade, dialogando com os padrões europeus da época.

Mediante agendamento e dado o perfil da turma, foi realizado um tour diferenciado a algumas das dependências da Biblioteca que não são acessadas na visita guiada comum. Recebidos por Dario Oliveira, antigo funcionário da instituição e guia de turismo, que atua na mediação de turistas e visitantes à Biblioteca, tivemos acesso aos armazéns, com pisos de vidro, onde estão depositados cerca de 10 milhões de itens, cuja origem remonta ao acervo remanescente do Terremoto de Lisboa, em 1755, e da transmigração da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808.

Especialmente para a ocasião foram trazidos dos cofres da Biblioteca obras raras de grande valor histórico para o mundo, como o projeto original de construção de um túnel subaquático na Baía de Guanabara, ligando as cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, apresentado ao Imperador D. Pedro II, em 1875.

Mas o que mais impressionou o grupo foi a exibição de um Livro de Horas medieval, pertencente à coleção original de D. João VI, trazida quando da sua transferência ao Brasil. Os livros de horas, produzidos nos mosteiros na Baixa Idade Média, eram livros de orações associadas às horas do dia. Rico em iluminuras decoradas com ouro ou prata, tinham grande importância social e seu valor era equivalente a extensas porções de terras, fazendo parte dos inventários das famílias (Escritório do Livro, s/d).

Figura 1. Registro da visita do grupo do PPGTUR UFF à Biblioteca Nacional

Guimarães, V. L. (2022). Experiências cruzadas no diálogo entre Turismo e História: Relatos de Aventuras dentro e fora de sala de aula. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 14(1), 218-241.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i1p241>



Fonte: Biblioteca Nacional [Link](#)

A visita foi documentada pelo setor de Comunicação da Biblioteca e publicada nas redes sociais da instituição. Na fotografia, é possível ver nas extremidades os funcionários da Biblioteca Nacional, o grupo de alunos do PPGTUR e a professora. Nas mãos da funcionária, o Livro de Horas, produzido na Idade Média, e sobre a mesa o livro [encadernado em veludo verde] com o projeto de túnel integrando as cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, datado do século XIX. Na visita ainda foram separadas previamente e disponibilizadas obras do acervo da Biblioteca que versavam sobre Turismo para consulta e apreciação do grupo. Um deleite essa visita à Biblioteca Nacional!

Um japonês na roda de jongo - Como parte das atividades curriculares obrigatórias do curso de Turismo, os estudantes precisam realizar uma viagem técnica, acompanhados de professores. Lá pelos idos de 2013 acompanhei o grupo de estudantes à cidade de Paraty, no litoral sul do estado do Rio de Janeiro. Durante a viagem alunos cumpriram uma extensa programação, que inclui visita ao Centro Histórico, passeio de escuna, palestra com representante da Secretaria de Turismo, espetáculo cultural no teatro da cidade, entre outras atividades.

Mas o que tornou essa viagem memorável para mim foi a visita ao Quilombo do Campinho da Independência, situado na altura do km 584 da BR-101 (Rio-Santos). Trata-se da primeira comunidade a ter suas terras tituladas e ser reconhecida como quilombo no estado do Rio de Janeiro (Pinheiro, 2015). Ali é desenvolvida uma proposta de turismo étnico comunitário e os visitantes são recebidos pelos moradores, conhecem os projetos sustentáveis por eles desenvolvidos, saboreiam o cardápio oferecido pelo restaurante da comunidade, que inclui

feijoada e pratos à base de peixe, e participam de uma roda de conversa com a griô da comunidade, a pessoa mais velha do quilombo, que conta histórias sobre o quilombo e suas raízes ancestrais, convidando-nos no fim a participar de uma roda de jongo.

Entre os estudantes participantes da viagem encontrava-se um intercambista japonês, que estudava cultura brasileira no Japão. Ele foi o primeiro a entrar na roda de jongo, movido pela força dos atabaques e pelo ritmo contagiante dos batuqueiros. Foi um momento inesquecível. Um a um dos participantes da viagem foi se integrando à roda, experienciando a cultura local e conhecendo os serviços diferenciados daquela comunidade tradicional oferecidos aos turistas. Mais uma vez, observar os alunos participando das atividades, em integração total com os anfitriões, foi motivo de especial alegria.

O encontro com os queridos no cemitério - Um dos temas abordados na disciplina Turismo e Patrimônio Cultural é o turismo em necrópoles ou turismo cemiterial, com visita ao patrimônio funerário. A literatura científica brasileira e internacional vem produzindo um bom material sobre a visita turística a cemitérios, destacando o seu valor como patrimônio artístico, cultural, histórico e educativo (Figueiredo, 2015; Del Puerto, 2016).

Escolhemos para a visita o Cemitério São João Batista, no bairro de Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Este é um dos cemitérios mais antigos da cidade, inaugurado em 1852 pelo Imperador D. Pedro II. O cemitério é dotado de um rico conjunto escultórico que configura a arte tumular, de autoria de renomados artistas, como Rodolpho Bernardelli, escultor mexicano radicado no Brasil e formado pela Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, com aperfeiçoamento na Itália.

O São João Batista também é conhecido como “o cemitério das estrelas”, onde estão enterrados políticos ilustres, como os presidentes da República Floriano Peixoto, Artur Bernardes, Carlos Luz, Eurico Gaspar Dutra, Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel e personalidades das artes e das ciências, como Glauber Rocha, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Carmem Miranda, Dorival Caymmi, Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Oscar Niemayer, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Santos Dumont e Marc Ferrez, entre muitos outros (Queridos para Sempre, s/d.)

O cemitério, administrado pela Concessionária Rio Pax, desenvolveu na década de 2010 um projeto de visita guiada, conduzida pelo guia de turismo Milton Teixeira, bastante conhecido no

Rio de Janeiro e pioneiro em diversos roteiros alternativos na cidade. Foi sob a sua condução que o grupo de alunos do curso de Turismo da UFF, juntamente com um grupo de alunos do curso de Turismo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, percorreu os jazigos de personalidades conhecidas, no trajeto destacado para o tour. A visita guiada ao cemitério se configura como uma atividade à parte do movimento de velórios e enterros, resguardando a privacidade dos mesmos.

Um fato curioso é que nem sempre consigo realizar a visita com os alunos ao cemitério, pois em alguns semestres letivos os mesmos desaprovam a ideia de realizar uma visita técnica a uma necrópole, confirmando que a morte ainda é um tabu em nossa sociedade. Quando há esse tipo de resistência da maioria dos alunos da turma, o tema é abordado somente em sala de aula, com estudo da turistificação de cemitérios de várias partes do mundo, incluindo o São João Batista e o Projeto Queridos, o projeto de memorial que utiliza a tecnologia do QR Code para a identificação dos mortos no cemitério.

Voltando à visita técnica no cemitério carioca, somos conduzidos pelo experiente guia por um circuito que inclui os mausoléus de famosas personalidades brasileiras, desde políticos a artistas populares. O Projeto Queridos é justamente uma estratégia de turistificação do Cemitério São João Batista, identificando com códigos QR Code os túmulos das personalidades que ali encontram-se enterradas, podendo os códigos ser acessados por visitantes individualmente ou nos grupos que participam das visitas guiadas, oferecidas na última quinta-feira de cada mês.

No percurso, o guia conta a história do cemitério, conduz o grupo pelos túmulos das personalidades envolvidas no Projeto Queridos, e outras que não fazem parte do projeto mas que também chamam a atenção, seja pela história do indivíduo, seja pelo destaque da arte tumular. O cemitério pode ser um excelente campo para a interpretação da história social do Brasil e também da história social da arte, revelando os modos como a sociedade brasileira concebe a morte e elabora representações sobre a mesma.

Guardo viva na memória a lembrança dos alunos atentos à visita, tirando fotos e curiosos em aprender mais sobre o cemitério e a história dos que ali estavam enterrados. Na ocasião da visita guiada promovida pelo cemitério, é disponibilizado aos visitantes o acesso ao Mausoléu da Academia Brasileira de Letras, o que não ocorre nos dias comuns. Ali se encontram os despojos de diversos escritores que faziam parte da ABL, dentre eles Machado de Assis, Raquel de

Queiroz, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meirelles. Uma vez membro da Academia, são chamados no jargão da mesma de 'imortais'.

Um detalhe que marcou a visita foi a reação dos alunos e a minha própria, diante da inesperada encenação feita por um ator representando o cantor Cazuza. Como parte da visita guiada, uma personalidade é escolhida a cada mês e a forma de homenageá-la é com a caracterização de atores e interpretação de sua obra. Na nossa vez, ao vermos o ator muito bem caracterizado em frente ao túmulo de Cazuza declamando poesia e cantando as canções do artista, ficamos todos perplexos com o realismo da cena. Um momento belo e ao mesmo tempo desconcertante.

Uma visita educativa ao cemitério, considerado um jardim histórico (IPHAN, 2010) como lugar de apreciação e interpretação do patrimônio cultural, foi uma experiência da qual tenho certeza que os participantes jamais vão esquecer.

Dos fantasmas do Theatro Municipal de Niterói às performances dos alunos no palco - Por último, mas não menos importante, destaco o Theatro Municipal João Caetano, em Niterói, palco onde somos recebidos todos os semestres por conta da visita técnica da disciplina Turismo e Patrimônio Cultural e da facilidade de acesso [a pé] do campus universitário até o teatro. Em todas as vezes que realizo a visita, os grupos ficam impactados com a qualidade da mediação, conduzida por Claudia Macedo, atriz e coordenadora de palco do Theatro Municipal, que nos conta com brilho nos olhos a história do teatro, um dos mais antigos do Brasil, cujos primórdios remontam a uma casa de espetáculos construída em 1827 e que fora abandonada por alguns anos após a morte de João Caetano, ator e diretor que havia adquirido o teatro em 1842. Reinaugurada em 1884 pelo Imperador D. Pedro II e pela Imperatriz D. Teresa Cristina (Cultura Niterói, s.d.), o Theatro Municipal passou por diversas reformas, sendo a mais completa delas nos anos 1990, década também em que fora tombado como patrimônio cultural pelo Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural. O teatro, em estilo neoclássico, ostenta uma riqueza arquitetônica e ornamentação em seu interior impactantes.

A visita supera todas as expectativas em relação à hospitalidade à qualidade da informação apresentada e aos acessos às dependências do teatro. Detalhes da construção, histórias pitorescas contadas pelos antigos funcionários, como dos fantasmas que habitam o teatro, os bastidores das produções artísticas e informações de como é feito o trabalho dos funcionários

antes, durante e depois do espetáculo nos são contados com riqueza de informações, enquanto vamos percorrendo áreas de acesso restrito aos envolvidos na produção e realização do espetáculo.

Iniciamos a visita sentados à primeira fila do Theatro Municipal, onde ouvimos a história de sua criação, reformas, tombamento como patrimônio cultural, acessibilidade, entre outras informações relevantes. O lustre de cristal, localizado no centro da plateia, é baixado para conhecermos o seu antigo mecanismo de funcionamento e seus materiais originais; a porta corta-fogo, que fica suspensa no palco, isolando o mesmo da plateia, também é baixada especialmente para a ocasião da visita, nos revelando como funciona o mecanismo de segurança e também tornando aparente o belo painel que a ilustra, de autoria do famoso paisagista e artista plástico Roberto Burle Marx.

Subimos ao palco, visitamos a coxia, aprendemos sobre a complexa estrutura do palco e os rígidos protocolos de segurança e dali fazemos uma fotografia como recordação da visita, com a plateia e os balcões ao fundo [Figura 2]. Também temos acesso ao segundo e ao terceiro pisos, conhecendo os espaços reservados às autoridades, como o Imperador D. Pedro II, que tinha o seu camarote localizado em posição estratégica, onde não só poderia ter a melhor vista para o palco como também poderia ser visto pelos presentes, reforçando a importância social dos teatros no período do Império. O Salão Nobre, onde o Imperador recebia seus convidados no Theatro, também é visitado. Lá são realizados atualmente saraus, rodas de leituras, pequenos esquetes teatrais, entre outras atividades gratuitas para a população.

Figura 2: Visita dos alunos do Curso de Turismo da UFF ao Theatro Municipal de Niterói (2018)

Guimarães, V. L. (2022). Experiências cruzadas no diálogo entre Turismo e História: Relatos de Aventuras dentro e fora de sala de aula. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 14(1), 218-241.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i1p241>



Fonte: Acervo próprio

Nessas ocasiões da visita ao Theatro Municipal de Niterói, que duram aproximadamente 2 horas, sempre peço com antecedência que alunos da turma que tenham alguma inclinação às artes cênicas, dança ou música preparem uma pequena apresentação para o dia da visita. Como temos na visita acesso ao palco e à plateia, a ocasião proporciona a aprendizagem unida à performance artística, onde os alunos podem ser os protagonistas naquele palco magistral por alguns instantes.

Ao final, somos levados ao hall de entrada, que ainda preserva vestígios do bombardeio ocorrido na cidade de Niterói por ocasião da Reforma da Armada [1891-1894], que acabou atingindo o Theatro. Ali nos são contadas histórias sobre a visitação turística ao teatro e, encerrando a visita, temos acesso aos camarins, onde ouvimos sobre a preparação dos artistas para as apresentações no palco. É o momento em que, impactados com a beleza do Theatro Municipal, sua importância histórica e seu valor como patrimônio cultural e turístico, despedimo-nos e marcamos para o encontro seguinte, em sala de aula, os debates sobre a experiência. Apesar de sua beleza, monumentalidade e da qualidade dos espetáculos oferecidos pelo Theatro

Municipal de Niterói este ainda não é muito prestigiado pelo turismo e nem tão conhecido pela população, mesmo se localizando em frente a um shopping center de grande movimento.

O momento mais prazeroso de ser professora – e os professores que estiverem lendo este ensaio certamente se identificarão – é quando um aluno ou aluna, durante a aula ou mesmo anos mais tarde, nos encontra e revela o quanto apreciou certa experiência, o que aprendeu e o quanto esta está viva em sua memória. É o que ocorre com frequência em relação à visita ao Theatro Municipal de Niterói. Rota de passagem de muitos alunos que frequentam o shopping center próximo, esse ilustre desconhecido da maioria dos estudantes torna-se familiar e alguns até retornam ao teatro como estagiários, por meio dos processos seletivos oferecidos para os universitários da área de Turismo. É uma grande felicidade encontrar os alunos formando parte da equipe do Theatro, cada vez mais inclusivo e acessível a novos públicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho no magistério superior em Turismo é bastante prazeroso e ao mesmo tempo desafiador. Apesar das dificuldades enfrentadas nessa profissão e que estão relacionadas principalmente aos múltiplos papéis que o professor precisa assumir, os quais escolhi estrategicamente não abordar neste texto, o ensino das disciplinas relacionadas à História e ao patrimônio cultural conectadas ao turismo possibilita experiências fascinantes, permitindo a construção de inúmeras interações com a sociedade, que enriquecem e muito a relação ensino-aprendizagem.

O cotidiano do ensino do Turismo, as escritas de si e mesmo os trabalhos de caráter biográfico são ainda pouco presentes na literatura acadêmica em Turismo e, a meu ver, mereceriam uma atenção especial. Faço, neste momento, uma provocação ao leitor e à leitora a rememorar seus momentos marcantes e quiçá, registrá-los, contribuindo para a escrita da história do ensino-aprendizagem de Turismo e para o registro dessas memórias afetivas como parte integrante de um patrimônio universitário.

Neste ensaio autobiográfico, me permiti de uma forma mais fluida fazer uma digressão no tempo, permeada pelo desejo de rememorar de forma afetiva momentos especiais na minha carreira na docência de Turismo entrecruzada com a História. Esta foi a forma encontrada para fazer as pazes com a minha memória, mais inclinada neste grave momento ao esquecimento, e celebrar os meus 15 anos atuando na Universidade Federal Fluminense.

Essa reflexão sobre o cotidiano no magistério superior em Turismo me proporcionou também uma tomada de consciência em relação ao saber-fazer dialogal entre História e Turismo, como, por exemplo, no flerte com a história pública, fora do ambiente acadêmico, que possibilitando múltiplas leituras da cidade como ambiente de aprendizagem. No caso das cidades do Rio de Janeiro, de Niterói e também de Paraty, aqui citadas, há conexões claras com o turismo, mas que, necessariamente, precisam ser interpretadas, decodificadas, vividas e experimentadas como forma de construção de conteúdos e sentidos.

As histórias aqui contadas nessa viagem pelo meu tempo psicológico, particular, foram sempre atravessadas por outros sujeitos: os alunos, os anfitriões dos atrativos visitados, os turistas, os colegas professores e pesquisadores, os convidados dos alunos nos seminários em sala de aula, tanto na disciplina de Turismo e História quanto na de Turismo e Patrimônio Cultural, o povo na rua, e por situações diversas que escapam ao meu controle, ligadas à dinâmica das grandes cidades. A essas histórias foram agregadas também as memórias dos alunos que depuseram sobre as suas experiências, compartilhando momentos de afinidade e de como apreenderam, cada um a seu modo, esses encontros dentro e fora de sala de aula.

Escrever este ensaio foi uma estratégia de trazer alguma brisa para aliviar a angústia, as dores e as incertezas no presente pela suspensão da vida normal, provocada pela pandemia de covid-19 e por todos os seus nefastos desdobramentos na sociedade planetária, com maior gravidade no caso brasileiro. Foi uma forma também de matar as saudades do contato presencial com os alunos, das aulas, almoços e orientações, dos encontros e conversas “presenciais” com os colegas professores e funcionários, desejando que esse intervalo, que a esta altura já passa de um ano, dure o menos possível.

REFERÊNCIAS

- Bezerra, A. K. A, & Souza, M. L. G. de. (2008). A escola como patrimônio: um recurso para estudo da história local. *Anais... XIII Simpósio de História*. ANPUH-PB. [Link](#)
- Biblioteca Nacional. (2022). *Histórico*. [Link](#)
- Biblioteca Nacional. (2022). *Um túnel entre o Rio e Niterói*. [Link](#)

Guimarães, V. L. (2022). Experiências cruzadas no diálogo entre Turismo e História: Relatos de Aventuras dentro e fora de sala de aula. *Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade*, 14(1), 218-241. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i1p241>

Borges, V. L. B., & Cavalcante, P. (2017). Turismo no Centro da cidade do Rio de Janeiro: A Praça da República e as viagens de VLT no tempo dos aplicativos para celulares. *Anais... II Seminário Nacional de Turismo e Cultura*. Fundação Casa de Rui Barbosa (pp. 129-145). [Link](#)

Cultura Niterói. (2022). *Teatro Municipal de Niterói*. [Link](#)

Escritório do Livro. (2022). *As riquíssimas horas do Duque de Berry – um Livro de Horas*. [Link](#)

Figueiredo, O. M. (2015). Turismo e lazer em cemitérios: algumas considerações. *Cultur – Revista de Cultura e Turismo*, 9(1), 125-142. [Link](#)

Giucci, G. (2004). *A vida cultural do automóvel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Del Puerto, C. B. (2016). *Turismo em Cemitério: o cemitério como patrimônio e atrativo turístico, considerando a trama morte e vida nas necrópoles*. Dissertação, Mestrado em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Brasil.

Hallbwachs, M. (2013). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional - IPHAN. (2010). *Carta dos jardins históricos brasileiros dita Carta de Juiz de Fora*. [Link](#)

Machado, J. T. (2011). Patrimônio universitário: tempo-espaço como fomentador de histórias e identidades na CEU-UFSM-RS. *Anais... 35º Encontro Anual da ANPOCS*. [Link](#)

Picheth, S. F., Cassandre, M. P., & Thiollent, M. J. M. (2016). Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo. *Educação*, 39 (n. esp. supl.), s3-s13. [Link](#)

Pinheiro, T. R. (2015). *Turismo Étnico e a construção das fronteiras étnicas: O caso do Quilombo do Campinho da Independência, Paraty (RJ)*. Dissertação, Mestrado em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Queridos Para Sempre. *Famosos no Cemitério São João Batista*. [Link](#)

Segala, L., & Calvão, L. (2003). *Bandas d'Além: almanaque de educação patrimonial*. Niterói: PROEX, Fundação Euclides da Cunha.

Silva, T. T., & Moreira, A. F. (1995). *Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes.

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15. [Link](#)

Thiollent, M. (2003). *Metodologia da Pesquisa Ação*. São Paulo: Cortez.

Guimarães, V. L. (2022). Experiências cruzadas no diálogo entre Turismo e História: Relatos de Aventuras dentro e fora de sala de aula. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 14(1), 218-241.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i1p241>

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 22 MAR 21 Aceito: 20 AGO 21